

UM CENTENÁRIO: KARL MARX

*Cem anos após a sua morte e no Brasil de 1983 é possível escrever e falar sobre Karl Marx sine ira et studio? A julgar pelas manifestações culturais, pelos artigos e livros que tem celebrado esse ano centenário, a interpretação da obra de Marx parece ter deixado, também entre nós, o campo das polêmicas apaixonadas e freqüentemente estéreis e penetrado na região serena onde se estudam os clássicos do pensamento humano e deles se recolhem lições definitivas. Com efeito, hoje é possível imprimir sobre a obra de Marx aquele sinete de eternidade que o historiador Tucídides reivindicava para as páginas do seu livro. Ela é um *ktêma eis aeí*, uma aquisição da cultura humana que permanecerá para sempre. É sob esse ângulo que ela não pode deixar de interessar a quem quer que medite sobre a cultura do Ocidente não só como não só como história documentada mas como tradição viva. É no relevo dessa tradição que a obra de Marx alcança finalmente a sua justa eminência e a sua atualidade é indiscutível como o é a de Hegel, a de Descartes e, remontando bem mais longe no tempo, a de Platão e Aristóteles.*

É sabido, no entanto, que não é esse tipo de atualidade que muitos apologistas e ardentes seguidores reclamam para a obra de Marx. Eles a querem como resposta acabada e certa para os problemas da história por vir, como prontuário de receitas para as crises do futuro. São justamente aquilo que o próprio Marx não queria ser: marxistas. E acabam conferindo a Marx o título que ele teria repellido de si com suprema energia: o de fundador de uma nova religião, de anunciador de uma nova fé.

Se, portanto, as presentes celebrações centenárias conseguirem realizar o desideratum de Cesare Luporini, "libertar Marx do marxismo" (JB, Caderno Especial, 13.03.83, p. 5) terão dado um passo decisivo para que se faça a Marx a justiça intelectual que lhe é devida, a de se ler a sua obra com os métodos rigorosos e reconhecidos da hermenêutica histórica e filosófica, e para que se tracem, enfim, rigorosamente, as fronteiras entre marxologia e marxismo. Fazer do nome e dos escritos de Marx uma bandeira, é satisfação que se pode conceder aos desertados de antigas crenças ou aos retardatários de desuetos combates ideológicos. Mas estudar Marx como um grande clássico do pensamento humano é doravante tarefa que se impõe obrigatoriamente à história e às ciências humanas.

Sem esse estudo um grande hiato se abriria na compreensão da nossa tradição cultural e se tornaria extremamente difícil conhecer os caminhos por onde vem andando a civilização ocidental nos últimos dois séculos. Essa, com efeito, a essencial função heurística da obra clássica na hermenêutica de uma civilização ou de uma cultura. O clássico é, justamente, aquele que foi capaz de dar a seu tempo a expressão simbólica que o integra na perenidade da tradição. Ora, a obra de Marx traduz numa grandiosa construção intelectual, o tempo de profunda e radical transformação histórica que assistiu à passagem da economia pré-industrial para a economia da produção em escala e do mercado generalizado, dos ciclos civilizatórios regionais para a primeira civilização mundial.

Singular destino o de Marx! O homem que anunciara o fim das interpretações do mundo e o imperativo da sua transformação foi condenado a pensar o seu tempo sem nunca poder passar à efetiva prática revolucionária. Frustrada a grande esperança de 1848, o campo de luta de Marx acabará sendo o Museu Britânico e suas enormes coleções de documentos e livros. As rigorosas exigências da vocação intelectual de Marx afastaram-no, por outro lado, do romantismo revolucionário, e foi aos fautores do voluntarismo político radical como Bakunin, que reservou as suas críticas mais duras. Todo ocupado em detectar e estudar as crises do sistema capitalista (ver o apêndice 3 de E. Ureña, Karl Marx economista, São Paulo, 1980), Marx nunca viu chegar a hora de passar à ação ou de lançar-se na crista da derradeira crise, cujas vagas o levariam às praias do novo mundo socialista.

O fantasma que Marx viu rondando a Europa em 1848 não se materializou nos seus dias. Invocando seu nome e sua herança, outros

fantasmas surgiram no século XX e, esses sim, se fizeram carne e sangue e cresceram como corpos monstruosos mostrando a face dura e implacável das burocracias totalitárias. Marx se teria reconhecido nesse despertar cruel dos sonhos libertários do socialismo do século XIX, que se cobre com seu nome na pretensão de ser a única solução científica do enigma da história? Os leitores das suas grandes páginas dificilmente poderão reconhecer a legitimidade dessa filiação ou, pelo menos, terão sérias dúvidas em aceitar que as carências e ambigüidades inegáveis do pensamento marxiano tivessem que dar origem necessariamente a essas burocracias totalitárias do século XX que se autodesignam "marxistas". Por outro lado, estabelecer uma linha de descendência direta entre Marx e o Gulag foi como que o exutório da crise existencial daqueles "novos filósofos" que quiseram unir na mesma proclamação a morte de Deus, a de Marx e a das próprias ilusões.

Na verdade, o grande sopro humanista que atravessa a obra de Marx deveria bastar para elevar sua herança bem alto sobre as baixas e irrespiráveis planícies do totalitarismo. Marx nos ensina, com efeito, e essa será talvez a sua lição mais alta, a ler a história a partir do engendramento criador do homem por si mesmo. É possível discutir os pressupostos da antropologia marxiana, mas como por em dúvida esse a priori axiológico que orienta ainda as análises econômicas mais técnicas de Marx, e que ele mesmo definiu como sendo a tarefa histórica da "apropriação da essência real do homem"?

Sem esse poderoso frêmito de utopia e lirismo que sacode as melhores páginas de Marx nossa concepção do homem teria ficado mais pobre, nossa idéia da sua grandeza mais mesquinha, e menos exigentes os apelos libertários que, é preciso reconhecê-lo, foram aqueles que despertaram os ecos mais profundos na atormentada história do século XX.

Por outro lado, Marx nos ensina a ver a história numa perspectiva como que "geológica", através do corte transversal que descobre os sedimentos das sociedades aparentemente imóveis mas em cuja superfície ele nos convida a ler a ação das forças modeladoras e deformadoras que agem nas suas camadas profundas. O humanismo de Marx adquire, assim, essa forma de efetiva universalidade que, independentemente da sua conceptualização teórica como "materialismo histórico", pertence hoje aos fundamentos indiscutíveis das ciências da história e do homem.

Ao pensador ousado que escreveu no álbum de Nanette Philips, sua prima (filha do seu tio por afinidade, o banqueiro Lion Philips, de cujo nome toma origem – suprema ironia – a multinacional Philips) como sua divisa preferida: de omnibus dubitandum, a melhor justiça que se poderia fazer nesse primeiro centenário da sua morte seria libertá-lo de todas as grades dogmáticas onde tem estado encerrado, e reconhecer enfim livremente seu lugar elevado entre os clássicos do humanismo moderno.

H.L.V.